

As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação

Maria Passeggi, Gilcilene Nascimento
& Roberta de Oliveira

Resumo

Apresentamos reflexões sobre as narrativas autobiográficas como fonte e método de investigação científica privilegiados para a pesquisa qualitativa em Educação. Situamo-nos na perspectiva da Pesquisa (Auto)biográfica e da Psicologia Cultural para discutir procedimentos por nós utilizados em pesquisas financiadas pelo CNPq, realizadas e em andamento, em diversos contextos educacionais. O eixo comum entre elas são os sentidos elaborados, narrativamente, por crianças sobre suas experiências na escola e por professoras sobre suas experiências em classes hospitalares. Focalizaremos dois desses procedimentos: as rodas de conversa com crianças e as entrevistas narrativas autobiográficas com as professoras em ambiente hospitalar. Procuraremos evidenciar os aportes do uso das narrativas autobiográficas (orais) com relação ao rigor da ética na pesquisa qualitativa e como forma de propiciar melhores condições de reflexão na recolha das narrativas que constituirão os dados da pesquisa. Os resultados vão no sentido do reconhecimento da palavra da criança e do adulto como sujeitos de direitos, capazes de narrar e refletir sobre suas próprias experiências e de contribuir para os avanços teóricos e metodológico da pesquisa qualitativa em Educação.

Palavras-chave:

narrativas autobiográficas; infância; rodas de conversa; pesquisa qualitativa.

Autobiographical narratives as a source and method of qualitative research in Education

Abstract: This study presents reflections on autobiographical narratives as a source and method of research ideal for qualitative research in Education. Our perspective is situated in (Auto)biographical Research and Cultural Psychology to discuss procedures we use in studies in a variety of educational contexts, which have already been completed or are in progress, and were, or are being, funded by CNPq. The common axis among them is the set of meanings developed through childrens' narratives about their experiences in school and teachers' narratives about their hospital classes. We focus here on two of these procedures: open discussions with children, and autobiographical narrative interviews with teachers in their hospital setting. We aim to show evidence of the contributions the use of oral, autobiographical narratives make in relation to ethical rigor in qualitative research, and as a way of providing better conditions for reflection on the collection of narratives that will comprise the research data. The results point to a recognition of the words of the children and adults, participating in the research, as subjects with rights, capable of narrating and reflecting on their own experiences, and to contribute to theoretical and methodological advances in qualitative research in Education.

Keywords: autobiographical narrative; childhood; open discussions; qualitative research.

Les récits autobiographiques comme source et méthode de recherche qualitative en éducation

Résumé: Cet article présente des réflexions sur des récits autobiographiques en tant que source et méthode privilégiées de la recherche qualitative en éducation. En nous situant dans la perspective de la recherche biographique et de la psychologie culturelle nous focaliserons sur les procédures utilisées dans nos recherches, financées par le CNPq, réalisées et en cours, dans différents contextes éducatifs. L'axe commun entre elles est le sens construit sur les expériences dans la mise en récit, chez les enfants, à propos de l'école, et chez les enseignants, sur les classes hospitalières. Nous nous attarderons plus particulièrement sur deux procédures utilisées dans nos recherches: les cercles de conversation avec les enfants et les entretiens autobiographiques avec les enseignants. Nous cherchons à mettre en évidence les apports des récits autobiographiques oraux à la rigueur éthique dans la recherche qualitative de sorte à favoriser la réflexion au moment d'enregistrer les récits qui constitueront les données de la recherche. Les résultats vont dans le sens de reconnaître la légitimité de la parole de l'enfant et de l'adulte, en tant que sujets à part entière, capables de raconter et de réfléchir sur leurs expériences, et de donner une contribution aux avancements théoriques et méthodologiques de la recherche qualitative en éducation.

Mots-clés: récits autobiographiques; enfance; cercles de conversation; recherche qualitative.

Los relatos autobiográficos como origen y método de la investigación cualitativa en educación

Resumen: Presentamos reflexiones sobre los relatos autobiográficos como fuente y método privilegiados de la investigación cualitativa en educación. Nos situamos en la perspectiva de la investigación biográfica-narrativa y de la psicología cultural, para discutir los procedimientos utilizados en nuestras investigaciones financiadas por el CNPq, ejecutadas y en curso en diversos contextos educativos. El eje común entre ellas son los significados, narrativamente elaborados, por los niños, sobre sus experiencias en la escuela, y por los maestros acerca de sus experiencias en las clases hospitalarias. Nos centraremos en dos abordajes: los círculos de conversación con los niños y las entrevistas narrativas autobiográficas con los maestros. Buscamos resaltar las contribuciones del uso de narrativas autobiográficas orales, tanto con respecto a la ética en la investigación cualitativa, como por la posibilidad de proporcionar mejores condiciones de reflexiones en el momento de recoger las narraciones que constituyen los datos de la investigación. Los resultados indican la legitimidad de la palabra de los niños y de los adultos para la investigación científica como sujetos de derechos, capaces de relatar y reflexionar sobre sus propias experiencias, contribuyendo así para los avances teóricos y metodológicos en la investigación cualitativa en la educación.

Palabras clave: relatos autobiográficos; niñez; círculos de conversación; investigación cualitativa.

Introdução

As narrativas na primeira pessoa constituem há quase um século fontes privilegiadas no campo epistêmico da pesquisa qualitativa interpretativista. Depois de trinta anos de eclipse (1940-1970), elas se consolidam a partir dos anos 1980, com o retorno do sujeito. O que nos permitiu falar anteriormente (Passeggi, 2011a) de uma *guinada biográfica* nas Ciências Humanas e Sociais e, mais particularmente, no campo da Educação, tanto na tradição alemã (*Biographie-forschung*), como na anglo-saxônica (*Biographical research*), em países de língua espanhola (*investigación biográfico-narrativa*), em países de língua francesa (*Recherche biographique*); em Portugal e no Brasil (Método (auto)biográfico ou Pesquisa (auto)biográfica). Daí a importância da reflexão sobre os procedimentos utilizados em cada uma das fases da pesquisa: a recolha de narrativas autobiográficas (orais, escritas, imagéticas, digitais...); a sua textualização; análises e publicação. Para Bourdieu (1997), em cada uma delas, o pesquisador corre o risco de praticar involuntariamente atos de violência simbólica contra as pessoas que se dispuseram a contar a história de suas vidas ou a narrar suas experiências. De modo que, a inquietação com o rigor científico na construção dos conhecimentos com base em narrativas autobiográficas desdobra-se no cuidado com a ética no uso dessas fontes e na elaboração do método da pesquisa. Esses cuidados tornam-se ainda mais cruciais, quando se trata de realizar pesquisas *com* crianças e não *sobre* elas, respeitando sua singularidade e a legitimidade de sua voz.

Nosso objetivo é discutir aqui dois procedimentos de recolha de narrativas orais, realizados junto a crianças e professores, por nosso grupo de pesquisa (GRIFARS-UFRN-CNPq), em projetos financiados pelo CNPq: "Narrativas Infantis. O que contam as crianças sobre as escolas da infância?" (Processo nº 401519/2011-2) e o projeto em andamento, "Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância" (Processo nº 462119/2014-9). Nesses projetos, tomamos como objeto de estudo o que dizem as crianças de 04 a 12 anos de idade sobre suas relações com a escola, assim como os sentidos que os professores atribuem à infância: à sua própria infância e à infância das crianças com as quais vivenciam suas práticas educacionais. A finalidade primordial dessas pesquisas é dar maior visibilidade à criança como sujeito de direito; contribuir para a pesquisa *com* crianças; trazer insumos para a formação de professores, assim como para as políticas públicas voltadas para a criança em idade escolar, nos mais diversos contextos educacionais.

Na tentativa de obter uma amostragem sobre a diversidade dos contextos escolares no Brasil e da percepção de crianças e professores sobre as práticas

educacionais, as pesquisas se realizam em pré-escolas e escolas de aplicação; em escolas regulares de bairros populares; em escolas da zona rural; em uma comunidade indígena; comunidades remanescentes quilombolas; em classes de atendimento educacional especializado (AEE) para crianças cegas; em classes hospitalares e em abrigos. As pesquisas também incluem professores que desenvolvem atividades docentes nos contextos estudados.

Neste texto, nossas reflexões teórico-metodológicas concernem quatro contextos investigados pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Representações e Subjetividades (GRIFARS-UFRN-CNPq). Discutiremos, primeiramente, o uso de narrativas autobiográficas na pesquisa, em seguida, nos deteremos sobre o protocolo de pesquisa utilizado com as crianças em diferentes contextos, finalmente abordaremos as entrevistas narrativas autobiográficas com as professoras.

1. Narrativas autobiográficas na pesquisa qualitativa em educação

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. Do ponto de vista da pesquisa *com* crianças, essa perspectiva está em consonância com a Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1990, que em seu Art. 12, assegura a todas as crianças, em função da idade e maturidade, o direito de expressar suas opiniões livremente e, sobretudo, o direito de serem ouvidas, sobre assuntos que lhes dizem respeito. (Brasil, 1990).

As pesquisas que estamos desenvolvendo se situam no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em educação, cujo objeto é explorar os processos de gênese e devir dos indivíduos, investigando como dão forma a suas experiências e sentido à existência (Delory-Momberger, 2012, p. 524). Nesse sentido, convoca as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece. Para Bruner e Weisser (1995), a criança manifesta desde tenra idade a habilidade de narrar o que lhe acontece no seu cotidiano. Essa atividade de *biografização*, segundo Delory-Momberger (2014) se realiza graças a capacidade que têm os indivíduos de se situarem entre o presente, o passado e o futuro. Passeggi (2014), entendendo a *reflexividade autobiográfica* como uma disposição humana para refletir sobre si e as experiências vividas, defende a importância de ouvir as crianças para melhor compreender os sentidos que atribuem ao que vivenciam na escola.

A pesquisa *com* crianças e professoras é aqui entendida como aquela que privilegia metodologias interativas horizontais e dialógicas entre os participantes e focalizam as (re)interpretações que as pessoas fazem dos acontecimentos na vida, seja na escola, seja fora dela. Os estudos de Passeggi (2014); Passeggi, Furlanetto, Conti, Chaves, Gomes, Gabriel e Rocha. (2014); Rocha e Passeggi (2012) destacam que essa modalidade ancora-se em princípios epistemológicos que transcendem a ação de pesquisar *com* as pessoas, para proporcionar-lhes também um modo de apropriar-se de sua história e de uma forma de empoderamento. Por essas razões, a escuta sensível do outro fundamenta-se no reconhecimento de sua historicidade e de seu pertencimento social, com base na hipótese de que o ato de narrar as histórias por ele experienciadas está na origem do conhecimento de si. Finalmente, nessa modalidade de pesquisa qualitativa os processos reflexivos e de resignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa.

2. As rodas de conversa com as crianças: um pequeno alienígena como mediador

Um dos grandes desafios da pesquisa qualitativa é encontrar procedimentos adequados para a constituição de dados. Quando se trata de crianças, esses desafios se multiplicam ao se conjugarem com as exigências da ética em pesquisa, alertando-nos para os riscos e benefícios dos procedimentos utilizados de modo que possam garantir a sua participação como sujeito social, sem ferir sua integridade, nem constrangê-la. Assim, as pesquisas que iniciamos, em 2011, só se tornaram exequíveis quando encontramos uma metodologia que nos pareceu responder, pelo menos em parte, aos desafios da pesquisa de campo.

O protocolo utilizado, e sobre o qual discorreremos aqui, inspira-se na proposta de um projeto internacional ao qual as pesquisas do GRIFARS estão vinculadas (Passeggi, 2011b; Lani-Bayle & Passeggi, 2014). As rodas de conversa foram adotadas como abordagem por fazer parte da vida da criança e das quatro características universais da cultura da infância, como propõe Sarmiento (2015), quais sejam: a *interatividade*, a *ludicidade*, a *fantasia do real* e a *reiteração*. A presença de um pequeno extraterrestre, chamado Alien, na roda de conversa, parte da ideia de envolver as crianças numa situação em que elas se reconheçam como crianças, explorando essas quatro características de seu universo cultural, suscetíveis de ajudá-las a elaborar mais espontaneamente suas interpretações sobre os espaços (a escola, a casa, a comunidade, a sala de aula, o parque...),

sobre as coisas (brinquedos, computadores, livros...), sobre as ações com o outro e sobre elas mesmas (jogos, brincadeiras, leitura, a amizade, brigas, disputas...).

As rodas de conversa têm como participantes: as crianças, o pesquisador e o Alien, que vem de um planeta onde não há escolas, por isso deseja que as crianças lhe contem como é a escola e o que fazem nela. Do ponto de vista da interatividade, o Alien torna-se um mediador entre a criança e o pesquisador, entre o real e o imaginário, dentro de uma tríplice relação de diálogo: inter pares (com os colegas), intergeracional (com o pesquisador) e intercultural (com o extraterrestre). Para Conti e Passeggi (2014, p. 153), a construção de um espaço lúdico proporciona a invenção de um universo de *faz de conta*, “propício ao desenvolvimento da dimensão narrativa” e à cumplicidade entre os participantes, o que faz da roda de conversa um lugar de partilhar gostos e desgostos.

Do ponto de vista do método, diremos que a roda de conversa se organiza em três momentos: a *abertura*, que é o momento de “fazer a roda”, em que o pesquisador apresenta o Alien às crianças de modo a estimular sua curiosidade e o desejo de falar sobre a escola; a *conversa*, quando as crianças passam a interagir, entre elas, com o Alien e com a pesquisadora, ficando livres para “entrar e sair da roda” quando quiserem; o *fechamento*, terceiro momento, acontece quando o pesquisador anuncia o retorno do Alien ao seu planeta, dizendo às crianças que, se elas quiserem, o Alien pode levar suas mensagens e/ou desenhos para os amigos dele. A partir daí a “roda se desfaz”, e a interação prossegue enquanto elas preparam suas mensagens, o que tem se apresentado como uma ocasião rica para ouvir as crianças que desejam prolongar a conversação, explicando seus desenhos e mensagens. No início da pesquisa, muitas crianças nos pediam o Alien, agora já sabendo desse vínculo que elas fazem com o personagem, tentamos trazer pequenos aliens para lhes dar de presente.

2.1 As crianças falam sobre a violência na escola

As *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica* preconizam que a Educação Básica “é o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade [...] respeitando e valorizando as diferenças.» Acrescentam ainda que “liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional”. (Brasil, 2013, p.17). Entretanto, os contínuos atos de violência dentro da escola incidem diretamente sobre esse espaço e esse tempo, roubando da criança e do adolescente o direito à educação de qualidade na escola, com graves consequências para o direito à cidadania.

A necessidade de investigar a violência na escola não é um assunto novo, mas ela vem permeando os dois projetos financiados pelo CNPq porque a temática surgiu da análise das falas de crianças de 08 a 12 anos de escolas da

periferia de Natal-RN (Nordeste do Brasil), que insistiam sobre os atos de violência que aconteciam na escola e em suas comunidades (falta de segurança; envolvimento de jovens em homicídios violentos; uso de drogas; formação de gangues etc.). Essa situação de vulnerabilidade social em que vivem as crianças dessas escolas se expressa no Projeto Político Pedagógico de uma das escolas pesquisadas, em que se discorre sobre a violência como um dos problemas crônicos da comunidade, que afinal é também, nas palavras de Charlot (2002), uma forma de “violência contra a escola”.

Para Brockmeier e Harré (2003, p. 525), “o problema do entendimento dos padrões dinâmicos do comportamento humano parece estar mais próximo de uma solução através dos estudos das narrativas”. É nesse sentido que encontramos nas rodas de conversa com o Alien um procedimento adequado para abordar com as crianças a complexidade dessa temática, de modo que elas possam se distanciar para narrar o que experienciam como atos de violência.

A pesquisa de campo foi realizada, em 2014, com 14 crianças de 08 a 12 anos de idade, matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com quem nos reunimos em quatro rodas de conversa. Foi possível identificar três tipos de violência mais recorrentes em suas falas: os atos de *violência física*, incluindo brigas e agressões entre alunos dentro da escola; os atos de *violência discriminatória*, praticados contra crianças, sobretudo, aquelas com necessidades/habilidades especiais, cenas de *bullying* entre outras; finalmente, os atos de *violência institucional simbólica*, como denomina Charlot (2002), praticados pela escola contra a criança, e que se manifestam sub-repticiamente, direcionando o modo como as crianças se percebem (“Senão, você é chamando de burro”!) e vão construindo representações de si como aluno, dentro da instituição, face aos modos como são tratadas por uma percepção adultocêntrica da escola, da criança, de seus modos de ser e de ver o mundo, o que é considerado por elas como atos injustos face à impossibilidade de (re)agirem por medo de punição.

2.2 A criança no contexto da escola rural: uma reflexão teórico-metodológica

A educação escolar na zona rural do Brasil está permeada por estigmas que resultam de uma percepção tradicional do território rural como lugar de atraso, desqualificado, com poucas possibilidades de desenvolvimento econômico e cultural. A viabilização de políticas educacionais, no Brasil, voltadas para a educação rural na última década, destacando-se a aprovação das Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2002a), propiciou a essas escolas maior visibilidade no cenário educacional. No entanto, ainda prevalece o pensamento discriminatório, qual seja, a zona rural é percebida como

lugar de atraso e, portanto, as pessoas que ali residem são igualmente atrasadas, desqualificadas e, por conseguinte, condenadas ao fracasso.

Diante desse cenário, procuramos investigar o desempenho escolar de crianças da zona rural, na faixa etária de 06 a 12 anos, tomando como *lôcus* de pesquisa uma escola da rede municipal, situada na zona rural serrana do Estado do Rio Grande do Norte. Dirigimos nossa atenção para o sentido que elas atribuem à escola e ao saber escolar, procurando identificar se os estigmas que permeiam as representações do contexto rural se manifestam em suas falas, e que crenças e valores norteiam suas percepções da escola e do saber escolar. Essa pesquisa se justifica por três razões: a educação no meio rural reflete o que há de mais rudimentar no que se refere ao tratamento dado à educação no Brasil; embora os processos de urbanização e globalização promovidos pelas novas tecnologias venham redefinindo o espaço rural, ainda há comunidades no semiárido brasileiro que não têm acesso a esses avanços; finalmente, a infância e as relações com a escola, nesse contexto, são vividas de forma diferenciada.

A pesquisa ancora-se na sociologia do sujeito, na antropologia da educação e na pesquisa (auto)biográfica em educação. Segundo Kaufmann (2003) e Charlot (2000), a sociologia do sujeito permite reflexões críticas sobre a teoria da reprodução, quando considera o indivíduo nos estudos sociológicos e educacionais como chave para a compreensão de diversos problemas. A abordagem antropológica de Wulf (2005) contribui para a reflexão em torno da constituição e vivências culturais presentes na formação humana, decisivas para a apropriação do mundo e para a constituição psicológica da criança. Os princípios epistemológicos, teóricos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação contribuem, por sua vez, para a escuta sensível da criança, permitindo pensar *com* ela, com desdobramentos reflexivos e formativos para a criança e a pesquisadora.

Nossos estudos estão, portanto, norteados por uma concepção de indivíduo que se constrói social e culturalmente, sem perder suas idiossincrasias e singularidades, sendo influenciado e influenciando, sendo constituído ao mesmo tempo em que se constitui na relação com os outros e com o mundo. Neste sentido, os estudos realizados com base nos diários de pesquisa de campo e nas narrativas autobiográficas estão atrelados à mesma concepção de constituição do indivíduo biográfico na qual se entrelaçam suas dimensões biológica, psíquica, cultural e sócio-histórica.

2.3 Crianças cegas em processo de escolarização no paradigma inclusivo

A Política Nacional de Educação Especial Brasileira na perspectiva da Educação Inclusiva traz avanços “em relação à ideia de equidade formal ao

contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.” (Brasil, 2008, p. 5). A Resolução nº 04/2009, que institui as *Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial*, contida nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013), em seu Artigo 1º, orienta que os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação devem ser matriculados em classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em Salas de Recursos Multifuncionais (SRM).

Nessa direção, essas salas representam nas escolas um espaço assegurado para o atendimento educacional especializado de crianças, regularmente matriculadas, que apresentem deficiência ou altas habilidades. Tendo em vista que a pesquisa visa tecer reflexões sobre o paradigma inclusivo da Educação Especial, a escolha recaiu sobre esses espaços como lócus da pesquisa e a investigação se volta para as crianças que apresentam cegueira congênita, entre 6 e 8 anos de idade, matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

As crianças participantes da pesquisa foram identificadas com o apoio do Setor de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Mossoró-RN, onde realizamos a pesquisa. No ano de 2014, foram matriculados em toda a rede municipal 21.145 alunos, dos quais 520 possuíam algum tipo de deficiência, entre eles encontram-se as três crianças com cegueira congênita participantes da pesquisa.

As rodas de conversa foram realizadas com cada uma das crianças em momentos diferentes. Neste caso, a presença do Alien foi fundamental para criar uma situação de ludicidade na roda de conversa entre a criança, o Alien e o pesquisador, evitando perguntas e respostas diretas entre o pesquisador e a criança. Além do interesse e curiosidade da criança pelo pequeno extraterrestre, a própria configuração da sala de recursos multifuncionais facilitou esses momentos iniciais de empatia e de interação com a criança ajudando-a a se colocar espontaneamente num lugar imaginário durante a conversa. É importante lembrar que para realizar qualquer tipo de trabalho com a criança cega a primeira atitude a ser tomada é descrever para ela o ambiente e a(s) pessoa(s) com quem ela interage. Como o ambiente já lhes era familiar, começamos por nos descrever fisicamente e o Alien, dizendo que ele vinha de um planeta em que as escolas não tinham salas multifuncionais. As crianças demonstraram seu interesse pelo pequeno extraterrestre que queria conversar com elas, pedindo para tocar e abraçar o Alien, que é sua forma habitual de ver e conhecer. A partir da *abertura*, a roda de conversa prosseguiu seguindo o protocolo, o que lhes permitiu se expressar sobre o que gostam de fazer, ou não, na sala multifuncional.

A roda se desfez quando o Alien se despediu da criança dizendo que voltava para casa com muitas ideias para ajudar as crianças cegas de seu planeta.

A pesquisa prossegue agora tecendo reflexões com base em suas narrativas acerca do processo de inclusão, com a finalidade de fazer ecoar suas vozes sobre a formação docente e as políticas públicas de modo a aprimorar o paradigma inclusivo voltado para a criança cega com base no que ela diz sobre as potencialidades e limites das salas multifuncionais e delas próprias.

3. Entrevista narrativa autobiográfica com professores de classes hospitalares

A Resolução nº 41, de 13/10/1995 (Brasil, 1995), relativa à Declaração dos Direitos da Criança e Adolescente Hospitalizados, assegura a continuidade da escolarização àqueles que se encontram impossibilitados de frequentar a escola, seja por tempo indeterminado, ou para tratamento em hospital-dia, hospital-semana ou em seu domicílio. O documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (Brasil, 2002b), proposto pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura (MEC/SEESP), traz orientações sobre o trabalho educacional a ser desenvolvido com crianças, adolescentes e adultos em tratamento de saúde. De acordo com essas orientações, o atendimento deve promover a construção de conhecimentos, como parte do direito à atenção integral, priorizando um currículo flexibilizado e/ou adaptado às situações de ensino e aprendizagem.

A atuação de professores nas classes hospitalares representa um grande desafio para quem decide acompanhar crianças com doenças crônicas, sobretudo, quando os cursos de graduação em Pedagogia não têm ainda atentado para essa necessidade cada vez mais premente. Como busca de superação de tais desafios, a realidade vivenciada exige um trabalho permanente de reflexão sobre os seus saberes e fazeres, para lidar com as emoções das crianças hospitalizadas, de seus familiares, quanto com suas próprias emoções no processo de acompanhamento escolar.

No projeto em andamento, tomamos como objeto de estudo as experiências que nos são contadas por cinco professoras de classes hospitalares sobre suas atividades pedagógicas e os desafios cotidianos para os quais não se têm respostas. Para elaborar uma proposta metodológica coerente com a pesquisa qualitativa em educação, optamos pela entrevista narrativa autobiográfica, inspirando-nos em Schütze (2010), por considerá-la enriquecedora para o que Pineau (2005) denomina de *pesquisa-ação-formação*. Os traços de união entre esses três conceitos (pesquisa, ação e formação) pressupõem que tanto a pessoa

que narra quanto aquela que escuta se formam, enquanto humanos, na e pela interação que acontece na entrevista autobiográfica. Conforme Schütze (2010, p. 212), as entrevistas compreendem três partes que coincidem, aproximadamente, com os três momentos das rodas de conversa e que denominaremos aqui de: *abertura, entrevista e fechamento*. A abertura objetiva estabelecer relações de empatia e confiança entre os participantes, o que acontece com base em perguntas orientadas para a própria experiência de quem narra, por exemplo: “*O que te levou a ser professora em ambiente hospitalar?*” De acordo com a perspectiva adotada, a professora-narradora é quem sinaliza que concluiu sua fala com uma coda narrativa: “*Foi assim*”; “*Então, era isso*”. Damos prosseguimento, passando para um segundo momento: *a entrevista*, para explorar “os fios temáticos narrativos transversais” (Schütze, 2010), anunciados na *abertura*, valorizando o que diz a professora-narradora de modo que ela possa prosseguir narrando o que deseja contar, argumentar, discordar. A intervenção da entrevistadora é sempre pontual e seu propósito é incentivar a refletir sobre sua prática educativa nas classes hospitalares, de modo que descrevam com mais detalhes aspectos de sua relação com a criança e a relação da criança com a escola em ambiente hospitalar. O *fechamento* da entrevista acontece quando, após uma nova coda narrativa, desligamos o gravador e damos continuidade ao diálogo, de maneira informal. Os registros no diário de campo reúnem as observações sobre a entrevista e esses momentos finais.

Considerações em aberto

Nas reflexões teórico-metodológicas tecidas neste trabalho, destacamos a importância das narrativas autobiográficas como fontes privilegiadas da pesquisa qualitativa face às inquietações com o rigor científico e a ética em pesquisa. Procuramos mostrar porque acreditamos que em nossas pesquisas o uso das narrativas na construção dos conhecimentos nos parece resguardado pelos cuidados que visam a respeitar, em interações mais horizontais, a singularidade de quem narra. A esse propósito, convém acrescentar aqui que desde o primeiro projeto obtivemos a aprovação do protocolo pelo Comitê de ética (CONEPE, HUOL, parecer nº 168.818, 23/11/2012), e, do mesmo modo, as entrevistas narrativas com as cinco professoras realizaram-se mediante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por elas assinado.

Procuramos exemplificar os métodos, descrevendo-os em quatro diferentes cenários em que o GRIFARS-UFRN-CNPq realiza suas pesquisas, pontuando a forma como vem adaptando suas abordagens aos participantes e aos contextos em que eles vivenciam suas experiências com a escola. Vimos que a pesquisa (auto)

biográfica *com* crianças, ao fazer uso de rodas de conversa, apresenta-se como um método adequado no âmbito da pesquisa qualitativa em educação, por respeitar a criança na sua singularidade e como ser integral. A presença do Alien revelou-se importante em todas os contextos investigados por convocar o imaginário infantil, a ludicidade e provocar o distanciamento necessário à reflexão sobre a escola, despertando nelas o desejo de participar espontaneamente da pesquisa. Ao fazerem a roda, as crianças mostram em muitas ocasiões o sentimento de estranhamento diante de tal situação (“E como foi que ele (o Alien) chegou aqui?”), em outras, elas integram o Alien à vida delas na escola (“Eu queria que ele ficasse para sempre na escola”), demonstrando como vão criando pela linguagem uma representação simbólica do real. Contrariamente a ideia de que a fusão entre a realidade e o imaginário infantil estaria na base do que “falta às crianças”, esse imbricamento é essencial ao processo de reflexividade autobiográfica, que tende a se situar entre memória e representação da realidade, razão e emoção, fazendo parte da inteligibilidade do humano em qualquer etapa da vida e, portanto, do processo de desenvolvimento da criança concreta.

A pesquisa realizada com crianças que estudam em escolas públicas da periferia de Natal-RN faz com que suas narrativas possam ir além de um método de pesquisa, pois, é também para as crianças um modo de construção de conhecimento sobre a escola, permitindo-lhes considerar coletivamente outra forma de ver os atos de violência *na escola, contra a escola e da escola*, com os quais convivem cotidianamente no contexto escolar e comunitário. As análises preliminares das narrativas de crianças da zona rural, por exemplo, nos permitem afirmar que o seu desempenho escolar contradiz, muitas vezes, a imagem estigmatizada de crianças vistas como “fraquinhas”. As narrativas das crianças cegas apontam a possibilidade de rever sua capacidade de atribuir sentidos ao saber escolar que vai sendo, ou não, por elas reconstruídos.

Vimos ainda que o uso das entrevistas narrativas autobiográficas apresenta-se como um procedimento essencial para a formação do humano - “a antropofomação” - como sugere Pineau (2005, p. 110), pois é a um só tempo pesquisa-ação-formação. A *pesquisa* está relacionada ao fato de que para narrar as experiências existenciais e refletir sobre elas é preciso que a pessoa se interroge, questione, “pesquise” sobre o que aconteceu e o que lhe aconteceu. A *ação*, segundo elemento da tríade, refere-se tanto às ações de narrar, pensar, refletir, quanto a uma ação que possa decorrer da reflexão. A *formação*, por sua vez, se realiza pelo ato de se formar pela pesquisa e pelas ações de narrar e de tomar decisões com base na reflexão.

Embora o caminho a percorrer ainda seja muito longo, podemos concluir, provisoriamente, sobre dois posicionamentos políticos no âmbito da pesquisa

com base nas reflexões aqui conduzidas. O primeiro é que o uso de narrativas autobiográficas ao proporcionar a entrada no universo mais subjetivo da criança e de professores, possibilita-lhes uma melhor compreensão do que os move como indivíduos nos processos de sua constituição como pessoa e como cidadã nos mais diversos contextos educacionais. O segundo, subjacente ao primeiro, denuncia a seguinte constatação: se, no Brasil, aprimoram-se os discursos da lei, nos últimos anos, contemplando avanços significativos em matéria de inclusão social, desigualdades, respeito e valorização das diferenças e o direito à atenção integral, as instituições educativas, que nos interessam aqui, encontram desafios para sair do discurso e passar a ação, e é na história de cada indivíduo que podemos perceber como fazem para superar esses desafios que lhes são (im)postos para agir diariamente como alunos e professores - *na escola, com a escola e pela escola* – o que justifica a legitimidade de sua palavra para pesquisa e outros direcionamentos das ações educativas.

Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. (1997). Compreender. In Pierre Bourdieu, *A miséria do mundo*. (pp. 693-732). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. (1990). *Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990*. Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília.
- Brasil. (1995). Ministério da Justiça. *Resolução n. 41, de outubro de 1995*. Declaração dos Direitos da Criança e Adolescente Hospitalizados. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília.
- Brasil. (2002a). Ministério da Educação. *Resolução n. 1, de abril de 2002*. Institui Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília.
- Brasil. (2002b). Ministério da Educação. *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações*. Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP.
- Brasil. (2008). Ministério da Educação. *Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Inclusão*. Brasília: MEC/SEESP.
- Brasil. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI.
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 525-535.
- Bruner, J., & Weisser, S. (1995). A invenção do ser: A autobiografia e suas formas. In: Olson, D. R.; Torrance, N. *Cultura escrita e oralidade*. (pp. 141-161). São Paulo: Ática.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, 4, (VIII), 432-443. [Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>, consultado em 08/12/2015].

- Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Conti, L., & Passeggi, M. C. (2014). *Reflexões metodológicas sobre a pesquisa com narrativas de crianças*. Curitiba, PR: CRV.
- Delory-Momberger, C. (2014). *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. (2. ed.). Natal: EDUFRN.
- Delory-Momberger, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica; tradução Anne-Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, 51 (17), 38-47.
- Kaufmann, J. C. (2003). *Ego: Para uma Sociologia do Indivíduo*. Porto Alegre, RS: Instituto Piaget.
- Lani-Bayle, M., & Passeggi, M. C. (Dir.) (2014). *Raconter l'école: à l'écoute de vécus scolaires en Europe et au Brésil*. Paris: L'Harmattan.
- Passeggi, M. C. (2011a). Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto) biográfica em educación. *Educación y Pedagogía*, 61, (23), 25- 40.
- Passeggi, M. C. (2011b). Projeto de pesquisa: Narrativas infantis. O que contam as crianças sobre a escola da infância? Edital MCTI-CNPq | MEC-CAPES Nº 07/2011 – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Processo nº 401519/2011-2.
- Passeggi, M. C. (2014). Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: Mignot, A. C., Sampaio, C. S., & Passeggi, M. C. *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. (pp. 133-148). Curitiba, PR:CRV.
- Passeggi, M. C., Furlanetto, E. C., Conti, L., Chaves, I. E. M., Gomes, M. O., Gabriel, G. L., & Rocha, S. M. (2014). Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. *Revista Educação UFSM*, 39 (1), 85-104.
- Pineau, G. (2005). Emergência de um Paradigma Antropoformador de Pesquisa-Ação-Formação Transdisciplinar. Tradução: Américo Sommerman. *Saúde e Sociedade*, 14, (3),102-110.
- Rocha, S., & Passeggi, M. (2012). Inclusão escolar pela classe hospitalar: o que nos contam as crianças sobre suas experiências educativas no hospital. In: Souza, E. C. de, Passeggi, M. C., & Vicentini, P. P. (Org.). *Pesquisa (Auto)Biográfica: trajetórias de formação e profissionalização*. (pp. 107-120). Curitiba, PR: CRV.
- Sarmiento, M. J. (2015). *Cultura da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. [Disponível em <http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+culturas+da+infancia+na+encruzilhada+da+segunda+modernidade..pdf>, consultado em 10/12/2015].
- Schütze, F. (2010). Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, W.; Pfaff, N. (Orgs.). *Metodologia da pesquisa qualitativa em educação*. (pp. 210-238). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Wulf, C. (2005). *Antropologia da educação*. Campinas, SP: Editora Alínea.

Maria da Conceição Passeggi

Professora Titular UFRN– Pesquisadora do CNPQ – Pq2

Email: mariapasseggi@gmail.com

Gilcilene Lélia Souza do Nascimento - UFERSA

Doutoranda em Educação

Email: lelianascimento@ufersa.edu.br

Roberta Ceres Antunes Medeiros de Oliveira

Mestranda em Educação (Bolsista CAPES)

Email:roberta_ceres18@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Correspondência

Maria da Conceição Passeggi

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte - UFRN

Centro de Educação - Departamento de Fundamentos e Políticas da

Educação - DFPE

4o. piso, sala 21 - Campus Universitário, s/n

CEP 59072-970

Natal-RN

Data de submissão: Março de 2015

Data de avaliação: Novembro de 2015

Data de publicação: Julho 2016